

BLUMENAU

em Cadernos

TOMO II

JUNHO DE 1959

N.º 6



BLUMENAU em CADERNOS

Tomo II

JUNHO DE 1959

N.º 6

DOIS SÉCULOS MEMORÁVEIS

J. FERREIRA DA SILVA

A capelinha de São João Batista, da praia de Itapocorói, está completando, neste ano, o seu bi-centenário. A população, não apenas daquela localidade, mas a de todo o novel município da Penha, com as suas autoridades à frente, está festejando, condignamente, o glorioso evento. Várias solenidades, constantes de sessões cívico-recreativas, de números folclóricos (em que a região é ainda das mais ricas do Estado), de conferências etc., vêm sendo realizadas por iniciativa da prefeitura e de pessoas destacadas.

A capela de Armação, por que é mais conhecida a praia de Itapocorói, é das mais antigas do Estado. A sua construção data de 1759, ano em que, a 27 de abril, foi assinada a provisão do bispo do Rio de Janeiro, que autorizou a sua construção. E, ainda hoje, ela ali se encontra, firme nos seus grossos alicerces, com uma única modificação no seu traçado primitivo: a tórrezinha que é de construção recente; ali ela se acha ainda, engastada numa das mais esplendorosas paisagens das não menos pitorescas costas catarinenses, testemunha muda de dias de glória e de decadência do povoado que se criou à sua sombra.

Itapocorói teve a sua época de intensa atividade, de um comércio fervilhante, com o florescimento da sua armação de baleias, onde centenas de operários brancos e outras tantas de escravos, trabalhavam, na estação própria, no beneficiamento dos cetáceos que eram arpoados, anualmente, em grande número, nas suas águas.

Com a vergonhosa entrega da ilha de Santa Catarina aos espanhóis, em 1777, viram-se os armadores de baleias, das duas armações próximas à sede da capitania, na contingência de procurar lugares mais seguros para estabelecerem o seu rendoso negócio.

A enseada de Itapocorói, pela sua segurança e comodidade, foi um dos escolhidos. Quarenta anos depois, quando da sua visita ao estabelecimento, Augusto de Saint'Hilaire escreveu minucioso e interessante relato, descrevendo as instalações e o funcionamento da armação, que, naquela época, (1820) já começava a entrar em decadência.

Nove caldeiras de mais de seis metros de diâmetro, cada um, instaladas sobre fornalhas, num edifício de 90 passos de comprimento, serviam para a extração do azeite de baleias; êste era transferido, por meio

de calhas, para sete reservatórios de pedra e tijolos, de 16 palmos (3,52 m.) de altura e cêrca de 13 passos de comprimento, cada um, instalados em edifício contíguo ao engenho de frigar e das mesmas dimensões. Por trás dessas duas construções, ficavam as senzalas dos escravos, aos quais era confiado o trabalho de cortar as baleias, puxadas para os trapiches sólidamente construídos, em tiras e depois em pequenos pedaços, que eram levados aos tachos; frigi-los, passá-los pela prensa, armazenar o azeite, transferindo-o, oportunamente, para as pipas em que era remediado para a côrte.

Dominando um panorama de extraordinária beleza, que mereceu do visconde de Taunay algumas páginas do seu livro "Céus e Terras do Brasil", a capelinha de São João Batista de Itapocorói, que se vê na foto, completa, neste ano, dois séculos de existência. A casa que se vê à direita, foi construída sôbre



parte dos alicerces, em ruínas, da "casa grande", onde residiram os administradores da Armação de baleias e o cirurgião Luís Rodrigues Pereira, que deixou fama pela sua descomunal gordura e pelas suas excentricidades. Na "casa grande" hospedara-se, em 1820, o sábio Auguste Saint'Hilaire, que nos legou minuciosa descrição do local.

O trabalho da pesca, pròpriamente dita, da baleia, para o qual os escravos não mereciam confiança, era feito por pequenos lavradores da região que, na estação oportuna, (maio a setembro) transferiam-se com suas famílias, para os edifícios anexos à casa grande, onde morava o administrador e que ficava, como a casa do cura, na elevação, junto à capelinha. Os demais edifícios erguiam-se à pouca distância da praia. Para se ter idéia da quantidade de baleias arpoadas, anualmente, e da conseqüente produção de azeite, basta dizer que cada um dos sete reservatórios, para onde o azeite era escoado, comportava, nada menos de 160 pipas, ou seja, 1.120 pipas de azeite, no total, e que, à proporção que esfriava, ia sendo envasilhado para embarque. Várias dezenas de barcos, de diferentes tonelagens, eram empregadas no transporte dos barris de azeite e das barbatanas para o Rio de Janeiro, donde regressavam carregados de fazendas e outros gêneros de consumo com que eram supridos os pequenos comerciantes e vendeiros e para a troca, por produtos da região, com os muitos lavradores já estabelecidos no litoral.

Itapocorói conheceu, assim, dias de grande prosperidade, de opulência mesmo, com tôdas as suas distrações e os seus dramas e as suas alegrias, os seus potentados e os miseráveis que lhes pululavam em tôrno.

Dramas, como aquêles que transparece desta informação do cura, frei Martin de Oviden, num assento de óbito de 14 de junho de 1822 : “apareceu José Francisco da Silva e o administrador José Gonçalves dos Santos Júnior, desta Armação Nacional, que declarou que no morro, por trás da vigia, pertencente a esta, se achava parte da ossada e caverna de um corpo humano e indo ali o dito administrador, em companhia de Ricardo Tabaner e Faustino da Luz, feitores desta armação, achou-se a ossada do escravo Damiano, desta armação da antiga administração de El-rei, que havia fugido, havia dois meses, e que se reconheceu pelo seu chapéu e suas ceroulas que estavam ao pé da ossada e se supõe ter sido devorado por uma onça, que por aqui andou, ao tempo de sua fuga. Seus ossos foram conduzidos ao cemitério desta capela”.



Talvez tão antiga quanto a capelinha, a imagem do santo precursor de Cristo, em madeira lavrada, continua, fora do seu oratório primitivo, no altar-mór, de construção mais recente, ouvindo as preces e abençoando os pescadores de hoje, como ouviu e abençoou os arrojados portugueses e caboclos que, há mais de século e meio, faziam-se mar a fora em frágeis embarcações, as velozes baleeiras, à caça dos cetáceos, a principal riqueza do lugar. Sob a sua proteção, nas épocas próprias, o cura, devidamente paramentado, descia até aos trapiches, em procissão, para lançar a sua bênção sobre a flotilha que se fazia ao largo e augurar felicidades aos denodados pescadores. A imagem é uma obra de arte perfeita e muito expressiva.

Ou comédias, como as que o cirurgião Luís Rodrigues Pereira representava, com a sua balofa e descomunal gordura e que, entre muitos outros caprichos e extravagâncias, obrigava a duas mulatas da sua escravatura, a velarem-lhe o sono barulhento, de velas na mão, cuidando para que as formigas não lhe entrassem pelo nariz ou pelas orelhas, enquanto dormia...

Entretanto, o estabelecimento de pesca de baleias da praia de Itapororói concorreu, de modo decisivo, para a colonização da faixa litorânea, entre São Francisco e o Itajaí-Açu, zona essa que, já nos fins do século 18, era das mais povoadas da capitania e de onde se exportava bastante arroz, farinha de mandioca, açúcar e cachaça, fios de algodão, de gravatá e de tucum, betas de imbé, etc.

Com a escassez dos cetáceos, que ano a ano se acentuava, com os erros e falhas das administrações que se sucederam ao regime de con-

tratos com empresas particulares, a armação, e com ela o povoado, foi entrando em decadência. E, como consequência disso, as atenções e cuidados dos moradores da região foram se voltando mais para o aproveitamento dos terrenos férteis que se estendem em longas planícies, de fácil amanho, pelo planalto das Piçarras, Itajuba, Barra-Velha, etc., o que fez com que se fôsem formando agrupamentos mais afastados das praias e, conseqüentemente, menos castigados pelos ventos e pela maresia e mais próximos às terras de cultura. Assim surgiu o povoado da Penha de Itapocorói, abrigado pela ponta do Cambri, no extremo norte da praia de Armação. Para o núcleo inicial, de que foram fundadores os Pitta, os Caetano Vieira, os Macedo e outros que ali haviam levantado um pequeno oratório dedicado à Nossa Senhora da Penha de França, foi, em 1839, transferida a sede do curato, até ali na capela de São João de Itapocorói, e que, ao mesmo tempo, foi elevado à freguesia. Já então funcionava no local uma escola de primeiras letras, cujo professor, Jacinto Zuzarte de Freitas, fôra nomeado quatro anos antes.

A igreja matriz da Penha de Itapocorói, construída em 1839, não sofreu, até hoje, nenhuma alteração na sua estrutura. Na praia próxima, Piçarras, foi, há poucos anos, construída outra capela de maiores proporções, que atende à religiosidade do grande número de veranistas que, anualmente, acorre àquele lindo recanto do litoral barriga-verde, ou das famílias, já bastante numerosas, com residência fixa ali.



Penha, com a sua elevação a município e a instalação de algumas pequenas indústrias, adquire novo impulso que lhe conquistará, certamente, a posição de destaque, no comércio e na agricultura de que já gozou anos atrás.

O oratório foi substituído, no próprio ano da conquista da paróquia, por um templo de sólida construção, amplo, que até hoje se conserva, tal como foi construído há 120 anos atrás. Essa igreja matriz foi, durante longos anos, a maior igreja de todo o vasto distrito litorâneo, cujos habitantes dela se serviam, desde o continente fronteiro à ilha de São Francisco às proximidades da ilha capital.

Foram seus vigários, entre outros de curto ministério, o Pe. João Rodrigues, Pe. João da Veiga, Pe. Mariano Gizinski, Pe. Vicente d'Argenzio.

Penha, no dizer de um antigo órgão de imprensa de Itajaí, "era o centro em torno do qual giravam os interesses de todos os lugares

circunvizinhos. Tinha um comércio que carregava navios de grande cabotagem; possuía muita lavoura, na qual se empregava o braço de muitas dezenas de escravos. Muitas fortunas ali se acumularam”.

Perdeu, pois, a capelinha de São João de Itapocorói a preponderância política e religiosa que, por quase um século, exerceu sobre toda a região, como sede de um curato vastíssimo e intensamente povoado.

Mas ela ali continua enfeitando a paisagem, acolhendo a vetusta imagem do seu glorioso padroeiro, objeto da estima e da veneração de um punhado de pescadores e de pequenos agricultores, que vivem à sua sombra abençoada, pobres, talvez, de bens materiais, mas ricos da graça de Deus que lhes enche a vida de paz e de tranqüila felicidade.

Ao ensejo das comemorações do bi-centenário da capelinha de Armação, congratulamo-nos com o senhor Prefeito Municipal, com os senhores vereadores e com o povo do novel município da Penha pela passagem de efeméride tão grata a todos.

Não podemos, porém, deixar de lamentar o estado em que se acham os restos dos vários edifícios que integravam a armação de baleias.

Da casa grande, ao lado da capela, lá estão as ruínas dos alicerces, cobertas de matas, que apressam a sua total desintegração; dos engenhos de frigar, ainda se notam os vestígios das fornalhas, do lugar em que assentavam os grandes tachos de derreter azeite, apresentando evidentes marcas do fogo de anos e anos consecutivos; dos depósitos de azeite, também ainda se encontram os alicerces, pelos quais se pode avaliar as suas grandiosas proporções.

Tudo isso, entretanto, em tal estado de abandono, que é de fazer dó.

Dia a dia, vai se acentuando a destruição completa desses remanescentes de um período interessante do nosso desenvolvimento econômico e social. O descaso das nossas autoridades, pela preservação dessas e de outras relíquias históricas, espalhadas pela costa catarinense, tem sido completo e verdadeiramente lamentável. Haja vista o que está sucedendo com as fortalezas, que defendiam as entradas das duas baías da ilha de Santa Catarina, construídas alguns decênios antes da fundação da armação de Itapocorói. Não tiveram, até agora, melhor sorte do que esta, condenadas a um lento, mas completo desaparecimento.

Conhecemos as disposições do atual prefeito da Penha e da respectiva câmara de vereadores, que estão no propósito de encarar, com interesse, esse problema, decretando medidas para a defesa de tão rico patrimônio histórico, que se tornaria uma agradável e lucrativa atração turística, com a qual o município muito teria a ganhar, além do atestado, que daria, de seu amor à cultura e do respeito ao seu passado glorioso.

Fazemos, destas colunas, um apêlo a S. Excia., o sr. Governador do Estado, no sentido de que tome a si a tarefa de salvar o pouco que ainda resta da armação de Itapocorói, auxiliando, na medida do possível, a prefeitura de Penha, carente de meios para arcar, só por si, com as despesas necessárias. O sr. Heriberto Hulse tem se mostrado acessível a tôdas as solicitações que interessam ao bem público. Ouça S. Excia. o nosso apêlo e assinalará, por certo, a sua passagem pela mais alta direção dos negócios públicos de Santa Catarina, com mais esse ato de benemerência, digno dos mais destacados encômios pelo seu significado patriótico.

RELATÓRIOS DO DR. BLUMENAU

1858

Permanecendo ainda, e mesmo aumentando-se os obstáculos e embaraços, que encontrei, no ano passado, no engajamento e na atração de emigrados e que mencionei no meu relatório do mesmo ano, a imigração, nesta colônia, não pôde ser considerável no ano que vai findar.

A deficiência dos meus fundos pecuniários, que não são proporcionais à magnitude do assunto; a falta de auxílios e de favores especiais, em escala proporcional, por parte do Governo Imperial, para não agravar os meus embaraços pecuniários, com a vinda de mais colonos, não me permitiram desenvolver a conveniente atividade, e lançar mão de todos os expedientes e aproveitar tôdas as vantagens, que se me ofereceram, para atrair considerável número de emigrados.

A imigração, em consequência, foi diminuta.

Não obstante isso, e continuando a militar, em favor da minha empresa, circunstâncias propícias, que também mencionei no referido relatório, os resultados alcançados não foram desanimadores, antes até bastante satisfatórios, comparando-se os mesmos com as somas, que foram empregadas e gastas aqui, e em outras empresas desta natureza, incomparavelmente mais favorecidas e na posse de grandes fundos e com a proporção dos resultados gerais que se obtiveram.

A colônia, se o seu aumento expansivo não foi grande, todavia não ficou estacionária; a sua consolidação e desenvolvimento interior, progrediram largamente e em escala e com estabilidade tal, que melhor que quaisquer outros arguimentos, são provas de que repousam em fundamento sólido e são.

O resumo, que abaixo segue, dá fé desta asserção e demonstra que êsse progresso não é efêmero, nem artificialmente produzido, mas é, antes, o resultado do trabalho dos colonos na sua propriedade e de diversas outras circunstâncias per-

manentes, que concorrem, independentemente da amplidão da emigração de fóra e dos favores do Governo Imperial.

A boa reputação da colônia, apesar do diminuto aumento desta, não só não sofreu diminuição na Alemanha, mas está sempre crescendo. Ainda neste ano, o seu empreendedor recebeu muitas e inequívocas provas de estima, consideração e lisonjeira confiança de diversas partes de sua antiga pátria, que o animaram a não desesperar do futuro engrandecimento da sua empresa e a continuar na sua árdua tarefa. Recebeu também valiosas recomendações a diversos governos e a muitos particulares dispostos a emigrar.

O futuro da colônia, pois, já não admite dúvidas a respeito da sua produtividade, prosperidade e estabilidade. O fundamento em que repousa a parte mais difícil e dispendiosa do trabalho inteiro, já não precisa criar-se pois que existe, e em proporções tais que poderá sustentar um grande e importante edificio.

O que convem, pois, aos interesses do próprio governo Imperial, o que é necessário para aproveitar, quanto possível, as favoráveis condições já criadas e existentes, e não perder uma parte dos frutos do árduo trabalho já feito, já não se refere a preparativos, mas sim a amplificar as operações, de maneira proporcional à largueza e solidez do fundamento assentado.

* * *

Entraram, no presente ano, nesta colônia, 81 pessoas vindas da Alemanha, como consta das listas, que em diversas épocas, remeti às competentes autoridades.

Destas, chegaram 29 diretamente de Hamburgo, com escala pelo Destêrro, ao mesmo tempo que as restantes vieram, por via indireta, dos portos do Rio de Janeiro e Destêrro.

Sómente três famílias, com 10 pessoas, foram, propriamente dito, engajadas, ou receberam algum adiantamento para as suas passa-

gens. Os mais vieram inteiramente espontâneos, pagando integralmente o preço de suas passagens e trouxeram, na maior parte, ainda um pequeno pecúlio.

A proporção dos dirigentes, ou

necessitados de algum subsídio e a qualidade dos imigrados, foram, pois, muito vantajosas.

A seguinte resenha estatística demonstra o progresso da colônia nos últimos três anos:

	1856	1857	1858
População	468	609	679
Fogos, ou casas	94	152	169
Casas de negócio e hospedarias	1	3	3
Engenhos de moer grãos (um movido à água)	2	2	3
Engenhos de serrar madeiras	2	1	1
Ditos de farinha de mandioca	5	8	11
Ditos de açúcar	5	8	18
Alambiques	3	4	14
Padarias	1	3	2
Olarias para telhas e tijolos	1	1	1
Ditas para louça de barro	—	—	1
Oficina de ferreiro	2	2	2
Fábrica de cerveja	1	1	1
Dita de vinagre	1	1	1
Gado vacum e bovino	76	125	185
Dito cavalari e muar	11	13	31

Na população havia, pois, um acréscimo de 70 almas, nos fogos um dito de 17 sobre o ano de 1859.

Houve 18 casamentos na colônia e dois de pessoas residentes fora dela; 48 nascimentos, sendo 22 do sexo masculino e 26 do sexo feminino; e 7 óbitos, sendo um de um velho, que morreu de hidropisia, e de três meninos entre três meses e quatro anos. A proporção da mortalidade foi muito favorável neste ano, havendo um excesso de 41 nascimentos.

Retiraram-se, temporária, ou definitivamente, 52 pessoas, voltando duas famílias com cinco pessoas, uma viúva com dois filhos, um viúvo e um solteiro para a Alemanha. Quatro destas pessoas foram com a intenção de retornarem a esta colônia. O resto estabeleceu-se ou anda trabalhando em outras partes deste rio, ou desta província, dirigindo-se também, alguns solteiros para o Rio de Janeiro e para o Rio Grande, a fim de procurarem melhor ganho nos seus antigos ofícios. Continuam a existir na colônia o pastor evangélico, o professor de primeiras letras, um médico homeopata, um

boticário com botica e uma parteira e mais todos os oficiais de officios necessários para uma florescente povoação, como se menciona no meu relatório do ano p. passado.

Chegaram, e acham-se ainda na colônia, dois doutores em medicina, dos quais um parece querer nela se estabelecer. Chegou também um distinto naturalista, doutor em ciências naturais, subvencionado pelo govêrno do ducado de Saxe Gotha, para fazer coleções, conhecer e descrever o país e, talvez, fazer referências sobre esta colônia àquele govêrno, que ultimamente, tomara algumas medidas restritivas contra a emigração para o Brasil.

A celebração do culto evangélico e o ensino primário tiveram regularmente o seu exercício; para ambos faltam, infelizmente, locais apropriados e era muito necessário e conveniente remediar a essa falta pela construção de edificios destinados para fim tão útil.

O estado sanitário foi muito lisonjeiro durante o presente ano, como se vê do excesso dos nascimentos sobre os óbitos.

Tendo, um dos médicos recém-chegados, trazido consigo boa vacina, grande número de crianças por ele foi vacinado com pleno sucesso.

A segurança individual, felizmente, não sofreu alteração e, exceto algumas pequenas contendas policiais, também não houve demandas.

Não obstante, torna-se de grande necessidade para a colônia a criação de um juízo de paz e distrito de sub-delegacia na colônia. Pedindo, grande número de colonos, a naturalização como cidadãos brasileiros, é de esperar-se que, em breve, entrem na posse desses dois institutos públicos.

A guarda de 12 pedestres, destacada na colônia, contra os bugres gentios, executou regularmente as suas rondas e, felizmente, não houve novidades a respeito daquêles selvagens. Estes pedestres, com as suas famílias, não estão incluídos no algarismo, acima exarado, da população da colônia.

Quanto à indústria, o seu círculo se alarga por uma fábrica de louça ordinária, cujos produtos suprem uma grande necessidade desta colônia e do rio inteiro.

A lavoura progride admiravelmente e a resenha, acima exarada, demonstra que êste progresso não é passageiro, mas estável em todos os anos e bem proporcionado. Nos engenhos de moer grãos, havia um aumento de um, nos de farinha de mandioca, de três (3) nos de açúcar, de dez (10) no gado vacum e bovino de sessenta (60), no dito cavalari de dezoito (18) e no dito cerdum de trezentos sobre o ano antecedente.

A cultura mais exercida é, por ora, a da cana de açúcar; o seu rendimento sofreu, infelizmente, desfalque considerável pela doença da cana, que appareceu em diversas localidades. Não obstante a safra regulou por 2.430 arrobas de muito bom açúcar, cuja qualidade, em parte, foi até superior, e 10.530 medidas de aguardente.

Considerando-se que, êste ano, foi o primeiro que deu uma safra tão completa, visto que a terrível enchente de novembro de 1855 destruiu as plantações de maneira tal, que nem havia semente para o

tempo próprio de 1856 e que, só em 1857, é que se pôde plantar maiores roçados e mais, que a doença causou um desfalque de 25 a 30, ou mais por cento, aquêle rendimento não deixa de ser bastante satisfatório. A cultura da mandioca, antes algum tanto negligenciada, alargou-se consideravelmente. Grande número de colonos, que intentava plantar cana, ficou aterrado pela doença e pela diminuição dos preços dos produtos dela, que resolveu plantar, de mandioca, grandes roçados destinados à primeira dessas culturas.

Se não houver, no ano que vem, uma grande imigração, a produção de farinha excederá o consumo e terá sofrível exportação; será muito considerável, no ano de 1860, se as estações ocorrerem regularmente.

Além destes gêneros, a presente colheita de milho será importante; como, porém, o pão de milho forma a base da nutrição da quase totalidade dos colonos, e, além disso, muito se gasta para o gado, não sobrá muito para a exportação. Os tubérculos do país, inhames, taiá, etc. e o aipim ocupam também grandes superficies, servindo, sobretudo o inhame, para engordar o considerável número de gado cerdum que existe na colônia. Por fim, planta-se feijão, batatas inglesas, legumes e hortaliças e algum café, que, em parte, principia a produzir. A cultura do tabaco e a fabricação de charutos continuam, também, em pequena escala. O cultivo aperfeiçoado da terra, por meio do arado, faz progressos, dando sempre os mesmos excelentes resultados e animando, assim, a imitação do exemplo dado.

Distribuição da cana roxa da Batávia, cuja cultura atualmente muito se alarga no Rio de Janeiro, e que tem a boa qualidade de não adoecer, 700 mudas, produto de 12 plantas que eu havia introduzido em 1857. Cultivo ainda algumas plantas de mais três qualidades de cana e de quatro ditas de café, que recebi, das que o governo Imperial mandou buscar, na ilha de Bourbon, para também delas distribuir mudas no tempo próprio. As plantações e pastos arti-

ficiais ocupam uma área de 1.350 geiras coloniais (a 500 braças quadradas) ou 675.000 braças quadradas. Os colonos avaliam o valor de seus bens de raiz, com as plantações em pé, e os edifícios que lhes pertencem, em 183:000\$000. Reduzindo esta quantia, que, em parte, achei algum tanto exagerada, a 150 contos, mas aduzindo-lhes o valor dos gêneros, prontos para venda, dos bens imóveis, dos gados e dos capitais líquidos, que existem e não foram contemplados naquela avaliação, e deduzindo, então, o importe das dívidas da colônia ou dos seus habitantes, vê-se que o balanço da mesma é bastante favorável e satisfatório. E deve-se, ainda, notar, que neste cálculo não entram os bens de raiz do empreendedor, entretanto que as suas dívidas foram computadas como parte integrante da dívida geral da colônia.

Das quatro novilhas da raça taurina, que introduzi e que se conservam em excelente estado, es-

pero a primeira criação genuína para o ano próximo, com também criação bastarda dos dois touros da mesma raça, que existem, com as vacas do lugar. O melhoramento da raça do gado do país, acertadamente dirigida, contribuirá, vigorosamente, para a prosperidade da lavoura da colônia e, por isso, lhe dedico todos os esforços possíveis. O seu efeito já se evidencia nas aves, sendo que, pela introdução das galinhas de "Cochin", que promovi, faz dois anos, a raça existente se tornou muito mais produtiva e aproveitável.

Introduzi, também, algumas cabras da melhor raça da Alemanha, que dão até seis garrafas de leite, por dia.

A produção de queijo e manteiga, já supre, quase, as necessidades da colônia, comprando-se, o resto, dos lavradores vizinhos. O preço desta última regulou por 640 réis a libra, o que prova que não há falta dela.

(Continua)

O POVOADO DE ITAPEMA, ao norte da praia dêsse nome, no município de Pôrto Belo, era conhecido, até fins do século passado, por "Tapera". Os moradores, entretanto, não gostavam do nome, que dava idéia de coisa em ruínas, ao abandono. Trataram, assim, de influir junto às autoridades estaduais para que fôsse mudado para "Santo Antônio de Pôrto Belo". Conseguiram-no. O govêrno, ao criar, ali, uma escola pública, consagrou, em 1908, essa denominação. Santo Antônio é o patrono da capelinha que, ainda hoje, em pequena elevação, é um verdadeiro mimo, na paisagem deslumbrante da enseada das Garoupas. Mais tarde foi restabelecido o nome que lhe davam as cartas primitivas, que atribuíam ao pequeno povoado a designação de Itapema.

"Blumenau em Cadernos"

MENSÁRIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) Cr\$ 100,00

Número avulso Cr\$ 10,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

ESTANTE DOS "CADERNOS,"

★ "BRUSQUE — SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DE UMA COLÔNIA NOS TEMPOS DO IMPÉRIO" — OSWALDO R. CABRAL — Edição da Sociedade Amigos de Brusque.

A vasta e erudita bibliografia do mestre historiógrafo, professor Oswaldo Rodrigues Cabral, que consta já mais de meia centena de obras, acaba de ser enriquecida com um interessantíssimo trabalho sobre a fundação e o desenvolvimento das colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro, formadoras do atual município de Brusque.

Analisando as razões e os fatos, que motivaram a criação daqueles núcleos de colonização, Oswaldo Cabral, no seu estilo característico, leve e agradável, narra as providências, postas em prática pelos governos do império e da província, para o aproveitamento das fertilíssimas terras do vale do Itajaí-Mirim, e acompanha a atuação dos colonizadores, desde a sua chegada ao local da sede, até a emancipação político-administrativa da colônia, nas vésperas da proclamação da república.

Sem estafantes e cansativas citações e transcrições, sem repetições desnecessárias, que não teriam outro aproveitamento além de fatigar o leitor, Oswaldo Cabral nos apresenta, nos seus mínimos pormenores, toda a história do punhado de colonos que, em 1860, com o barão de Schneeberg à frente, aportou às terras de Vicente Só, dando, ali, comêço a uma obra memorável, que proporcionou a S. Catarina novas fontes de riqueza econômica e moral, concorrendo, com contingentes dos mais poderosos, para o engrandecimento do país.

O estudo, que o autor faz, das várias direções, orientadoras do crescimento extensivo e intensivo de Brusque, não se limita à citação de datas, nomes e fatos mas é uma verdadeira e interessante análise das causas e efeitos, dos reflexos da atuação dos dirigentes na vida, não apenas da comuna em geral, mas até dos próprios grupos e famílias que, direta, ou indiretamente, sofrem a influência da boa ou da má orientação, que os dirigentes imprimam à marcha das administrações públicas.

"BRUSQUE" não é, assim, e apenas uma simples exposição de acontecimentos, entremeadas de elogios e de críticas, com perorações, mais ou menos patéticas, nem sempre afinadas pelas primícias, afastadas, as mais das vezes, do verdadeiro sentido da realidade. É um estudo sério, consciencioso, indispensável como obra de consulta, a quantos se interessam pelo estudo do passado de Santa Catarina.

O trabalho do dr. Cabral, enfeitado em mais de 300 páginas, de grande formato, divide-se em seis capítulos, em que são estudados e analisados "o movimento colonizador e a fundação da colônia Itajaí", "a administração do barão de Schneeberg", "o ano de 1867 ao fim da administração Betim Paes Leme", "a administração do dr. Pitanga", "os conturbados tempos do Diretor Carvalho Borges" e, finalmente, "o crescimento territorial e a evolução social e econômica de Brusque e as últimas administrações".

Nas páginas desse metucioso estudo, há, como muito bem diz o seu autor, no prefácio do livro, "farto material para os que apenas buscam o desfastio, conferindo o que está escrito, com aquilo que a tradição oral, da família ou do grupo, conservou. Mas haverá, também, alguma cousa para os que bus-

carem nos fatos a lição que sempre fica de um passado vivido — para servir de exemplo num presente que se vive e de prevenção para um futuro que se abre à frente de todos.”

“BRUSQUE” tem merecido justas apreciações, à altura do seu indiscutível valor e da sua grande utilidade de críticos capacitados, recebido como a mais importante contribuição, dos últimos anos, às letras e à história de Santa Catarina.

Abraçando o mestre Oswaldo Cabral, por mais êsse serviço inestimável prestado à nossa terra — que tantos já lhe deve, como escritor e como político honesto e digno — apresentamos-lhe os nossos parabéns, fazendo votos para que a sua incansável e inteligente operosidade, continue manifestando-se, de maneira tão brilhante e tão útil, como o fêz com o seu novo livro.

E parabéns, igualmente à Sociedade de Amigos de Brusque, pela escolha — que não poderia ter sido melhor, nem mais ilustre — do dr. Oswaldo Cabral para escrever a história da operosa comuna que, dentro de alguns meses, verá passar o centenário de sua fundação.



SEGUNDO Charles van Lede, no exercício de 1838/39 a província de Santa Catarina exportou: alho, 34.830 résteas; amendoim, 13.500 alqueires; polvilho, 350 alqueires; madeiras; café, 12.000 arrobas; cachaa; barbatanas; farinha de mandioca 138.000 arrobas; flôres artificiais de escamas de peixe e penas; sementes de linho; azeite de baleia 450 medidas; melado 20.000 medidas; milho, 2.600 alqueires; cebolas, 3.200 résteas; batatas, 66 alqueires; cerâmica de barro 20.500 peças; arroz, 3.800 sacos; açúcar, 1.200 arrobas; pano de algodão, 324 varas.

“NO dia 28 (de julho, de 1908), terça feira, vinha do Rodeio, montado a cavalo, um italiano trazendo à garupa, acondicionadas em sacos, 150 dúzias, isto é, 1.800 bombas as quais destinava vender na cidade de Blumenau. A bêsta do italiano era um pouco lerdá e ao chegar ao Encano, ao fustigá-la o cavaleiro com o chicote, fê-lo com tanta fôrça e falta de cuidado que bateu sôbre o saco das bombas. Algum atrito certamente produzido com o golpe do chicote determinou uma explosão tão violenta que o seu estampido foi ouvido a quilômetros de distância e quebraram-se as vidras de uma casa, situada nas proximidades. O pobre homem ficou com as pernas e ventre completamente esfarelados, morrendo logo depois e o cavalo reduzido a pedaços. Outro caso, se não deixa de ser trágico, tem algo de engraçado. É o fato que no lugar Benedito, um cavalo, estando na mangedoura a comer a sua ração, veio-lhe à bôca, com o capim, uma bomba que, com a mastigação, fez explosão, ficando a pobre bêsta com a sua dentadura e queixada em petição de miséria”. (Do “Novidades”, de Itajaí, de 2-8-908.

★ Os nossos assinantes da cidade de Blumenau, que desejarem pagar as suas assinaturas, poderão procurar o sr. Antônio Ferreira da Silva, à rua República Argentina n.º 73, em Ponta Aguda, o qual está autorizado a fornecer as respectivas quitações.



★ Números avulsos desta publicação poderão ser adquiridos na Livraria e Tipografia Blumenauense, à rua 15 de novembro, 819.

NOTÍCIAS
de
BRUSQUE E NOVA TRENTO

isto é das Colônias
ITAJAÍ E PRÍNCIPE DOM PEDRO
na Província de Santa Catarina
IMPÉRIO DO BRASIL

por
D. Arcângelo Ganarini



Trento

Estbl. Tip. G. B. Monauni, Edit.

1880

Traduzidas do Italiano

por

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX



(CONTINUAÇÃO)

REINO ANIMAL

O vastíssimo território do Brasil, abrangendo pode-se dizer todos os climas, coberto de florestas na mór parte ainda virgens, é povoado de grande variedade de animais muitos dos quais fornecem ao homem copiosa caça e saudáveis alimentos. Entre estes se devem enumerar a anta, a cabra montez(?), a paca, o porco do mato, o joó, o jacu, a jacutinga, o macuco e várias espécies de pombos silvestres. As águas do imenso litoral e dos numerosos rios (entre elles só o Amazonas com seus afluentes é navegável por 4.225 quilômetros) são abundantíssimos de excelente pescado, que tanto fresco como salgado fornece uma alimentação sã e copiosa. Nestas colônias são conhecidas várias espécies de macacos de diversos tamanhos e côres, e alguma barba. Vivem em bandos e em geral ficam retirados, e é raro se mostrarem próximos das habitações.

Muitas vêzes, nos morros ou no fundo dos vales, fazem um barulho, um berreiro de meter medo a quem não conhece a causa. Uma espécie avermelhada e com barba, do tamanho de um cão comum, defende-se com unhas e dentes, quando

ferido, a tornar malparado o caçador, que não levar uma faca para liquidá-lo; ainda mais que os outros companheiros acodem em seu auxilio e só o abandonam quando o vêm de todo incapaz de o fazer por si. Narram os caçadores, que quando um daquêles é ferido, não podendo mais escapar-se nem esconder-se atrás de qualquer ramo, toma um dos filhos pelas pernas, e mostrando-o ao caçador com gesticulação e chôros demonstra querer comovê-los poupando-o. Ao vê-los esfolados sentimos um arrepio, e é difícil nos resolvermos a comê-los, mas quando se chega a superar essa repugnância, não há carne mais saborosa e delicada do que a de um macaco. O Brasil conta dêles trinta e oito espécies diversas, pertencentes a oito gêneros diferentes. Sem terem visto vários provenientes da Bahia do tamanho de um arganaz, outros com fino instinto de imitação, mas entre tantas espécies não ouvi dizer que se tenha ainda encontrado um individuo a caminho da transição, e por isso terão tempo de esperar o senhor homem-macaco de Darwin.

Entre os carnívoros se conhecem várias espécies de felinos, como o gato do mato, a onça (*felis onça*),

animais quase tão corpulentos e ferozes como o tigre da Índia. A onça no inverno foge do clima mais áspero do sul nas nossas montanhas, e produz estragos nos animais silvestres e também domésticos, especialmente mesmo nos pastos do centro da província, no município de Lages. As vezes é tanta a sua audácia que chega a atacar o homem na estrada ou na própria casa, como aconteceu no ano passado com um colono no extremo da colônia de Blumenau. No distrito de Porto-franco, pertencente a estas colônias, em dois invernos consecutivos apareceu um indivíduo dessa espécie perigosa, mas não atacou pessoa alguma; contentou-se apenas em devorar um gerico e uma dúzia de cachorros. O lobo vermelho, a raposa, o guaximim, o tamanduá e outras espécies de mustelídeos e lontras são enumerados entre os carnívoros que povoam o Brasil, mas nestas colônias são muito pouco conhecidos. Entre os roedores são muito comuns nestes lugares a paca (*Coelogenis*): uma espécie fulva e outra sub-negra, ambas de carne excelente. Aos paquidermes pertence o porco do mato (*Dicetyles labiatus* e *D. torquatus*), que vive em lotes de 40 a 50 indivíduos. São caçados com cães, e num só dia assisti à matança de 14. A carne é muito saborosa mas um tanto pesada. Um dessa espécie é pequeno e pode pesar de 6 a 8 quilos, enquanto a outra é muito maior. A anta (*Tapirus americanus*) é o maior mamífero selvático do Brasil. Domestica-se com facilidade, só se alimenta de vegetais e é irósenso. Sua carne é excelente como a do boi, e sua pele é procurada para coiro de duração e resistência proverbiais. Perseguida e cercada lança-se em qualquer rio, aonde é possível confiná-la e matá-la a golpes de machado. Há abundância de veados (*Cervus*) que perseguidos pelos cães procuram a salvação em qualquer rio, onde os esperam os caçadores. O mais comum é o *Cervus rufus*. Também a ordem dos desdentados não deixa de representar-se nestas colônias, entre os quais o tatú (*Dasybus*) de várias espécies tôdas excelentes e delicadas carnes, e o tamanduá

(*Myrmecophagus*), destacado pela preciosidade de sua pele; algumas variadas espécies de preguiças, (*Bradypus*), excelentes caçadoras de insetos nocivos à agricultura. O tamanduá quando se encontra com o homem ou outro animal, não podendo fugir, se põe assentado com as patas dianteiras levantadas em atitude de expectativa. Ai daquele que dêle se avizinhar, pois recebe um abraço tão apertado, que difficil será livrar-se dêle sem perder a vida, ou trazer os horríveis sinais das possantes unhas de que é armado. O Brasil possui sete espécies de marsupiais, chamados na língua do país gambás. É uma casta de animais muito nociva aos galinheiros, nêles penetrando e fazendo terríveis estragos.

Os brasileiros o consideram de carne excelente, tendo-se o cuidado de retirar as glândulas mal cheirosas que têm nas axilas. A espécie conhecida nestas colônias é a do gambá-mirim (*Didelphis murina*). Há um rato do comprimento de um pé e com quase um outro de cauda. De baixo da barrega existe uma bolsa ou melhor duas valvas, que se abrem no sentido do comprimento do corpo, onde coloca e amamenta os seus 8 ou 10 filhos até que possam alimentar-se por si. Em certos momentos lhes permite a saída, mas quando percebe qualquer perigo, dado um sinal, abaixa o ventre até o chão, e êles, num piscar de olhos, escondem-se entre as duas valvas, e a mãe põe-se em fuga e a salvo a numerosa ninhada. O Brasil também se distingue pelas suas múltiplas espécies de pássaros, entre os quais se destacam penas de vivas cores. Nestas colônias pude observar o cardial, que é do tamanho de um tordo, todo vermelho qual uma chama, menos o bico e as patas que são pretas. O tucano, de tamanho um pouco maior que a pèga, tendo um meio pé de fortíssimo bico serrilhado. É de côr preta, menos o peito e debaixo do pescoço, que é amarelado, côr de canário no centro e rodeado de uma côr mais carregada, cercado de penas vermelhas, que ressaltam admiravelmente do resto do corpo que é preto. O pavão também tem o peito de

côr vermelha cambiante. A saíra, que aparece no inverno, é pequena como um pintaroxo e de olhos grandes. Suas côres são tão vivas e as penas das azas reunindo num só indivíduo o vermelho, o azul, amarelo, verde e preto com tôdas as suas nuances necessárias ao esbatemento de umas sôbre as outras. Vivem em pequenos bandos, e não se pode, a não ser parado, observá-las, quando elas saltitando ao longo da estrada se metem entre as moitas e os silvados. Entre tôdas as espécies de papagaios são aqui comuns o papagaio-real, muito grande e com belas penas verdes e vermelhas; domesticam-se facilmente e aprendem a articular algumas palavras. Uma outra espécie é o Periquito de colorido todo verde claro, com bico adunco, como todos os pássaros dêsse gênero, e de tamanho pouco mais de um melro. Ele é caçado com um laço ligado à uma longa vara de bambu, que é vagarosamente aproximada ao pobre distraído, e quando o laço se encontra em posição é puxado rapidamente e com a vara se alcança o pássaro laçado. Naturalmente é necessário possuir-se algum dêles para servir de chama e de engôdo. Bonito também é um picanço, ornado de um topete de penas amarelas. Não faltam também pássaros de belos e melódiosos cantos; principalmente na primavera se ouvem ressoar as selvas de vozes, de trinados, de gorgeios, de harmonia tão suave, tão variada de ficarmos encantados. A espécie que mais se distingue pelo seu canto é a do gênero "turdus", e entre todos o assim chamado por excelência pelos brasileiros "sabiá cantor". À tardinha, quando cessam os pássaros de canto mavioso, começam a sua música os de canto áspero e forte. Especialmente quando o tempo ameaça chuva, é uma cena curiosa ouvir-se tanta variedade de sons, assobios e sibilos a desbançar o mais ruidoso arsenal. Aquí se ouve um apito prolongado e sonoro comparável ao de uma locomotiva; além é um outro que produz o som de um martelo a percutir uma chapa de ferro, ou de um balde vazio, que agitado repentinamente range nas suas alças. De outro ponto solitário parte um som medido à ca-

dência, e parece um principiante que vai repetindo o dó-sol-mi-dó da escala musical, com o último dó um pouco mais longo como o final da peça; e isto se vai repetindo em intervalos por cinco e seis vêzes. No entanto não é só para satisfazer a vista e o ouvido de um ornitólogo o que se encontra neste país, pois superabundam também excelentes volateis, como o macuco, a jacutinga e outros galináceos, a contentar o estômago do gastrônomo o mais exigente. Para este país é também uma providência o urubu. Esta ave, de tamanho maior do dobro dos nossos corvos aos quais se parecem na côr, vôa em bandos à procura de cadáveres, destruindo-os com uma voracidade extraordinária, libertando assim o ar das emanções pútridas. Entre os répteis é muito grande o jacaré, espécie de crocodilo que vive em todos os rios do Brasil. É feroz e torna às vêzes perigosa a navegação em canoas, que a féra facilmente emborca n'água. Sua pele dura e escamosa torna-se quase invulnerável. Um foi captado em Nova Trento e os brasileiros o comeram qual um manjar. É preciso muita coragem para comer-se êsse horrível animal. Existem grandes serpentes, que chegam a dois metros de comprimento. As mais venenosas são a jararaca, a jaracussu, a cascavél (*Crotalus*), mas esta última não é encontrada nestas colônias. A jaracussu é tão venenosa que pode picar e matar seguidamente dois ou tres bois. O homem, apenas por ela picado, brota-lhe sangue pelos olhos, lábios e nariz, perde a vista, não existindo um contra-veneno de ação tão pronta que possa salvar-lhe a vida. Entre as outras serpentes há uma chamada coral, que o meu livro assegura ser inócua, mas que os brasileiros dizem ser venenosa não só nos dentes como também na cauda. Os naturalistas chamam-na Coluber formosus, e é de fato de coloridos tão vivos e bem dispostos, que à primeira vista não se deixaria de trocar por um belíssimo colar. É disposta em anéis mosqueados, um de côr vermelha mais largo, e dois mais estreitos, um branco e o outro preto, que se vão repetindo. Faz-se mister prestar atenção aos

meninos não ajuizados, que atraídos pelas suas belas côres, não sabem do perigo que correm em capturá-las. A classe dos batráquios é enriquecida de muitas espécies, entre as quais algumas de grandeza clássica, e um diletante poderia delas fazer uma boa coleção. Insignificante é a música da saparia do caneiro velho do Adige em confronto da que fazem em nossas águas paradas. Um novato no país se obstina em persuadir-se que esses animais são capazes de muitas diabruras. Lembram uma boa companhia, que com macêtes de madeira martelam tábuas e chapas de ferro com a força de braços hercúleos. Os brasileiros têm grande repugnância a esses bichos, e fazem cara feia quando vêm os italianos comer rãs. Comem no entanto com prazer uma espécie de grandes lagartos, que alcançam o comprimento de mais de um metro e com o peso de vários quilos. É este um animal insidioso às ninhadas de ovos e pintinhos que procura com paciência e persegue com tenacidade. A galinha choca não os pode defender por muito tempo, e se não se correr em seu auxílio, fácil é ela voltar à casa com a familiazinha dezimada.

Uma espécie de abelha selvagem dá um mel líquido como água, de um aroma especial, usado pelos camponeses como medicinal. Suas células irregulares apresentam a forma de odres, que se fecham quando cheios, se são queimados despreendem o cheiro de incenso. A vespa exótica importada da Europa já se acha aclimada, muitos colonos alemães as cultivam com bom êxito. Entre os lepidóteros merece ser apontada a *Saturnia aurata*, espécie de lagarta que pro-

duz casulos excelentes, reconhecidos como tais na Exposição Sericícola do Rio de Janeiro, na Exposição Sericícola de Rovereto e no Congresso Internacional sericícola de Montpellier. Também a espécie exótica, que se cultiva na Europa, foi introduzida com sucesso satisfatório, nas províncias do sul. Talvez que os tantos milhares de italianos espalhados por estas províncias possam servir para vencer a antipatia que os brasileiros mostram por esse inseto e generalizar-se-há sua cultura. Na ordem dos coleópteros é rica em insetos, os mais variados na forma e na cor, com reflexos metálicos, e especialmente esta província distingue-se pelas flores e outros objetos ornamentais, que se fabricam com as asas dos insetos e são vendidos por alto preço. Entre os outros não posso deixar passar em silêncio um vagalume, se assim podemos chamá-lo, de mais de uma polegada de comprimento, com dois grandes olhos na frente, despreendendo uma luz contínua de cor esverdeada muito viva, que em noite escura é bastante para esclarecer o caminho na distância de alguns passos. Para capturá-los, é bastante acender-se uma luz com a janela aberta para que alguns deles penetrem no quarto. Colocado debaixo de um copo dá claridade bastante para distinguirmos os objetos em torno. Esse inseto é visto somente na estação estival e principalmente nas noites húmidas. Quando vôam, lançam uma claridade ainda mais viva do que a dos olhos, debaixo do peito, parecendo mesmo uma locomotiva em miniatura com os seus dois faróis na frente e com o fogo que lança por debaixo.

(Continua)

SÃO da autoria de Virgílio Várzea, nome dos mais acatados da literatura catarinense, os seguintes versos sobre Itajaí, sua terra natal, publicados em 1908 :

Salve! Itajaí formosa,
Junto ao teu rio e ao teu mar !
Soberba, alegre e graciosa,
Salve, Itajaí formosa!
Tu és a jóia preciosa
No Brasil-sul a brilhar.
Salve, Itajaí formosa
Junto ao teu rio e ao teu mar !



EFEMÉRIDES

J U N H O

★ **1 de 1928** — É inaugurada a linha postal, diária, entre Blumenau e a capital do Estado, via Itajaí e Tijucas.

★ **1 de 1927** — É reorganizado, em Blumenau, o Tiro de Guerra n.º 475.

★ **3 de 1852** — Dão entrada, na colônia Blumenau, recém-fundada, os imigrantes alemães Rodolfo Keiner, de 23 anos, tecelão, Guido von Seckendorf, de 21 anos, militar e Fernando Ostermann, de 26 anos, professor, todos solteiros. O primeiro, Keiner, morreu afogado no Itajaí a 11 de dezembro desse mesmo ano. Seckendorf foi um dos voluntários, que seguiram para a guerra do Paraguai. Ostermann morreu alguns anos depois, no exercício do cargo de professor público, aliás o primeiro professor público de Blumenau. Há uma escola pública municipal com o seu nome.

★ **3 de 1860** — Chegam as 40 primeiras famílias alemãs para a colônia Teresópolis, fundada pelo presidente Araujo Brusque, próxima à colônia S. Isabel, na estrada de Lajes.

★ **8 de 1883** — O orçamento, aprovado por lei desta data, autorizava a Câmara de Itajaí a despender, no exercício de 1883/84 o montante de sua arrecadação, Rs. 11:242\$000, da seguinte forma: funcionários 1:200\$000; exação ao procurador 600\$000; expediente 30\$000; expediente do júri e serviço militar 100\$000; dívida passiva e custas 1:100\$000; com enterros de pobres 150\$000; vencimentos ao ex-procurador Manoel J. Moreira Máximo 462\$000; com obras públicas 7:500\$000. O município de Blumenau, nesse mesmo exercício, orçava a sua despesa no montante da receita de 6:400\$000, assim distribuídos: funcionários 920\$000; expediente 300\$000; expediente do júri e alistamento militar 80\$000; obras públicas 3:000\$000; exação 1:300\$000; eventuais 200\$000; presos pobres, 500\$000; enterramento de indigentes 100\$000.

★ **12 de 1883** — Nas disposições gerais do orçamento da província, desta data, consta que deveria ser pago: “a José Mendes da Costa Rodrigues, pelo aluguel da casa de sua propriedade, na freguesia de Pôrto Belo, para servir de cadeia, quartel e sala de audiências, durante os

mêses de julho de 1880 até o último de junho de 1881, assim como de 1.º de janeiro ao último de junho de 1882, a quantia de 90 mil réis (90 cruzeiros).

★ 16 de 1892 — Tendo entregue a direção da paróquia de Blumenau aos padres franciscanos, que, pouco antes, haviam se estabelecido em Teresópolis, o padre José Maria Jacobs, 1.º vigário de Blumenau, deixa esta cidade com destino ao Rio de Janeiro, onde faleceu a 1.º de agosto seguinte, no hospital da Gamboa.

★ 20 de 1928 — O ex-rei da Saxônia, Frederico Augusto, visita Blumenau, recebendo grande manifestação do povo e das autoridades.

★ 22 de 1928 — O ministro da guerra, general Sezefredo Passos, passa algumas horas em Blumenau, em visita oficial.

★ 29 de 1926 — Falece Luís Abry, prócer político blumenauense, que foi deputado estadual, tabelião, etc.

★ 17 de 1860 — Foi instalado o município de Itajaí, desmembrado do de Pôrto Belo. A câmara foi instalada no prédio de propriedade do alemão João Schneider (a mesma que fôra de propriedade de Agostinho Alves Ramos). O ato foi presidido pelo presidente da Câmara Municipal de Tijucas, tenente José Antônio da Silva Simas, e pelo secretário da mesma, José Mendes da Costa Rodrigues. Tomaram posse os vereadores Joaquim Pereira Liberato, José Henriques Flores, Claudino José Pacheco, José da Silva Mafra e Francisco Antônio de Souza. Deixaram de comparecer Jacinto Zuzarte de Freitas e Manoel José Pereira Máximo.

VERIFICA-SE, dos apontamentos de viagem de Van Lede pelo Itajaí-açú, em 1842, que já eram conhecidos pelos nomes, que ainda conservam, os ribeirões Garcia, Velha, Fortaleza, e Itoupava (grafado "Topava"). Van Lede também adianta que Agostinho Alves Ramos havia requerido e obtido terras à margem direita do Itajaí, desde Itoupava até ao Salto, mas que as mesmas estavam desabitadas.



AS PRAIAS de Ganchos e Zimbros, ao sul de Pôrto Belo, já eram bem povoadas em 1794, tanto que ali foi criada, naquele ano, um esquadrão de infantaria, para o qual foi nomeado tenente Jacinto Jorge dos Anjos e alferes Felípe da Silva Freitas Castro.



O MISSIONÁRIO JESUÍTA, Padre João Maria Cybeo, que durante longos anos percorreu os sertões do Vale do Itajaí, visitando as mais distantes capelas e os mais afastados moradores, pregando e administrando os sacramentos, esteve, também, várias vezes na capela da Penha de Itapocorói, como provam os assentos nos respectivos livros.

Às Vésperas de um Centenário

No mês de janeiro de 1960, transcorrerá o centenário da entrega, pelo dr. Blumenau, da colônia que êle fundou, ao govêrno imperial.

Como se sabe, Blumenau iniciou o seu estabelecimento, em caráter particular, com as próprias economias, pensando organizá-la e desenvolvê-la por conta própria.

Não dispondo, entretanto, de capitais suficientes e acentuando-se, ano após ano, as dificuldades decorrentes do crescido número de imigrantes que entravam na colônia e da necessidade premente de se promover a realização de grandes obras de utilidade pública, Blumenau se viu obrigado a solicitar, por mais de uma vez, empréstimos ao govêrno central.

Mesmo assim, embora contando com a boa vontade e o apoio do imperador, o fundador chegou, com o seu estabelecimento, às portas da falência.

O decênio, que se seguiu à data da fundação, em 1850, foi de verdadeiro martírio, de tormentoso inferno, para o operoso filósofo. Foram dez anos de suplícios, de constantes e amargurados sacrifícios.

Pode-se lá imaginar o que iria, por aquela alma honesta, por aquêlê espirito justo, sincero, verdadeiramente cristão ao ver-se às portas da ruína financeira e, o que era ainda pior, na iminência da desmoralização completa, vista a impossibilidade de cumprir as promessas feitas, ao govêrno e aos seus colonos, perante os quais a sua autoridade moral, pela qual êle tanto zelara, ficaria reduzida a nada?

Êle se sacrificara pela sua colônia, indo ao extremo de sofrer privações de tôda sorte, para que os seus imigrantes não tivessem do que se queixar.

“Vi a falência inevitável, a deshonra bater-me à porta se eu não pagasse os meus credores. Todas as minhas esperanças pareciam desfeitas. Moralmente aniquilado, parecia-me humanamente impossível prosseguir nos planos de colonização”.

“Envelheci antes do tempo e, apesar de ter, posteriormente, sofrido muitos outros contratempos, a simples lembrança daquela época de terror, causa-me imenso horror”.

Issô êle escrevia a um amigo, na Alemanha. E, por aí, se pode ter uma idéia dos tormentos, da aflição porque passou, durante meses e meses seguidos, o pobre colonizador, às portas da bancarrota financeira, do descrédito e da desmoralização dos seus planos e das suas realizações.

D. Pedro II veio-lhe ao encontro. Estimava-o e confiava no acêrto dos seus propósitos e na inteireza de seu caráter. Devolveu a propriedade das terras da colônia ao govêrno imperial, e entregou a êste o ativo e o passivo do empreendimento e nomeou o próprio dr. Blumenau diretor da colônia.

Dispondo, agora, de verbas e de amplo e decidido apoio das autoridades da Côrte, que facilitaram engajamentos e embarques de emigrantes europeus, às centenas e mesmo acs milhares, Blumenau, pôde, então, mostrar do que seria capaz uma administração honesta, inteli-

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

Christiana Deeke BARRETO

FEVEREIRO DE 1959

1 — Reunião da Câmara Municipal, tomam posse os vereadores eleitos, em 3 de outubro de 1958, — seis pela U.D.N., quatro pelo P.S.D., e três pelo P.T.B.. Os elementos do P.S.D. e P.T.B. estabelecem acôrdo, elegendo a mesa, que ficou assim constituída: Pte.: - Wadislau Constansky, P.S.D., 1.º Secr.: - Mário Manske, P.S.D., 2.º Secr.: - Romário da Conceição Badia, P.T.B.

5 — Em breve visita, chega a esta cidade, o Sr. Governador Heriberto Huelse, em companhia dos Secretários da Fazenda, Viação e Obras Públicas, Srs. Hercílio Deeke, Heitor Ferrari e Vitor Peluso, e do engenheiro Dr. Felix Schmiegelov, do Departamento de Estradas de Rodagem, com o objetivo de verificar o estado da construção do trecho da estrada Blumenau-Gaspar, em vias de conclusão, cuja inauguração oficial é prevista para breve. O Sr. Governador interessou-se, também, pelo projeto de construção do futuro prédio do Forum de Blumenau, tendo examinado planta e maquete do majestoso edifício planejado, recomendando, ao mesmo tempo, ao Sr. Secretário da Fazenda, o encami-

nhamento mais rápido do projeto, junto às repartições competentes. Ao Sr. Governador foi oferecido um almôço no Restaurante Socher, tendo sido cumprimentado S.Excia. por seus amigos e admiradores.

9 — Falece o Desembargador aposentado, Dr. Oscar Leitão, que há longos anos vinha exercendo atividades no Forum de Blumenau, onde desempenhou o cargo de Juiz de Direito da Comarca, tendo sido designado, há cinco anos, ao cargo de desembargador, em cujas funções se aposentara. Atualmente, o extinto vinha exercendo atividades de advocacia. O desenlace ocorreu em Curitiba, tendo sido o féretro transferido para esta cidade, onde foi sepultado, com grande acompanhamento.

17 — Devido à manifestações agitadas da opinião pública, sôbre o emprego das verbas consignadas pelo Governo Federal, às obras de construção do muro de arrimo na margem do Itajaí-Açu, no centro da nossa cidade, insinuando-se que teriam sido consumidas, para finalidades ignoradas, sendo as recentes roçadas à beira-rio, tática para entrar na posse das quotas restantes, — o engenheiro Sr. João

(Continuação da página anterior)

gente, bem orientada, desafogada de preocupações monetárias.

E a colônia entrou, conseqüentemente, num período de franco desenvolvimento, de extraordinário progresso.

Eis porque o município de Blumenau, pelas suas autoridades e pelo seu povo, não pode deixar passar, sem brilhantes comemorações, o transcurso do centenário dêsse acontecimento, que teve tão profunda influência na vida econômica, política e social da então colônia.

É nesse sentido que nos dirigimos aos blumenauenses, fazendo-lhes um apêlo caloroso para que prestigiem os atos com que os seus dirigentes, certamente, lembrarão a data e, também, de iniciativa própria, realizem festividades comemorativas de tão cara efeméride.

A data de 13 de janeiro de 1860, em que foi assinado o termo de entrega da Colônia Blumenau ao governo imperial, deve ser lembrada com muito entusiasmo porque, talvez, mais do que a própria data da fundação, marca o início do verdadeiro engrandecimento do nosso glorioso município.

Carospreso, representante do Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais, na mesma cidade, (DNPRC) esclarece, no jornal "A Nação" o caso, dizendo encontram-se, ainda, as referidas verbas na Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional de Santa Catarina, à disposição do Executivo Estadual que, conforme convênio firmado entre a União e o Governo de Santa Catarina, foi incumbido das referidas obras. Esclarece, ainda, que ao departamento que ele representa, cumpre, unicamente, a demarcação do eixo da "Avenida Marginal", e futura fiscalização das obras em aprêço, tendo sido feitas as roçadas a pedido de pessoas interessadas na devida demarcação nos seus terrenos.

18 — À benquista professora Dna. Julia Arzalkovska, que completou 30 anos de magistério, moradores do bairro Garcia prepararam uma festinha de homenagem. (Dna. Julia foi candidata a vereador, pelo referido bairro, na legenda da UDN no pleito de 3 de outubro p.p.).

21 — Sob o título "Pão e Telefone", o Sr. Maurício Xavier comenta no jornal "A Nação", o caso do aumento excessivo das taxas cobradas, este mês, pela Cia Telefônica Catarinense, sem aviso prévio, representando uma majoração de 100%. Sobre o fato, que tem provocado revolta entre os assinantes, estendendo-se, também, à imprensa, por esta não ter reagido na questão, o jornalista expõe os argumentos apresentados pelo gerente da agência Telefônica local para justificar o procedimento. Diz o jornalista que, após a majoração do preço dos combustíveis e salário mínimo, pelo governo, difícil tornou-se decidir sobre "preços justos", ctando o preço do pão em Blumenau, que é o mais elevado em todo o país, fato aceito sem reação pelos consumidores locais.

21 — O jornal "A Nação" publica fotografias de "pracinhas" do Batalhão Suez, no Egito, constituído, na sua maioria, por jovens paranaenses e catarinenses, entre estes os blumenauenses Geraldo J. Adão, Pereira Rocha, Renato Rai- zes e Waldomiro Snack, tendo todos eles um exemplar de "A Nação" na mão, dizendo, em carta anexa, da satisfação que lhes cau-

saram as notícias de sua comuna, obtidas através deste órgão de imprensa.

22 — O problema criado, para a Prefeitura Municipal de Blumenau, com a necessidade de reconstrução de seu prédio, destruído, parcialmente, pelo incêndio de 8 de Novembro, suscitou a pergunta — reconstrução no estilo arquitetônico do prédio sinistrado — ou adotação das novas linhas no gênero, atualmente em uso no país?. Manifesta-se o jornal "A Nação" favorável à reconstrução nas linhas tradicionais, citando a publicação "Blumenau em Cadernos", que externou o mesmo ponto de vista, argumentando, ainda, ser esta a opinião que, conforme vem se verificando, dá quase unanimidade da população blumenauense.

22 — O partido "União Democrática Nacional" núcleo local, realiza a eleição do seu diretório, sendo escolhidos os seguintes membros: Pte.: - Hercílio Decke; 1.º Vice-Pte.: - Ingo Hering; 2.º Vice-Pte.: - Frederico Guilherme Busch Júnior; 3.º Vice-Pte.: - Edgar Müller; Secr.: - Ozy Rodrigues; 1.º Secretário — Nilo Borghesi.

24 — Reune-se o Tribunal do Juri nos dias 24 e 26 de Fevereiro, para o julgamento, no primeiro dia, do réu Darcy Antônio Flôres, que assassinou, em 24 de julho de 1957, no Beco Tallmann, a Eduardo Schwartz; e no 2.º dia, do criminoso Luiz Mafra, autor da morte de Antônio Luz, crime ocorrido a 23-6-58. Ambas às sessões presidiu o Dr. Marcílio João da Silva Medeiros, funcionando, interinamente, na vara do crime, na ausência de seu titular, Dr. Aristeu Rui Gouvêa Schiefler. Na acusação trabalhou, nas duas causas, o promotor público Dr. José Ribeiro de Carvalho. A defesa do primeiro réu esteve ao cargo dos Drs. Gentil Telles e Luiz Navarro Stotz, conseguindo a absolvição por 4 votos contra 3. A defesa do segundo crime, a cargo do Dr. Ocilio Acácio Ferreira Flôres, também conseguiu absolvição do réu por 4 votos contra 3.

26 — Falece o Sr. Helmuth Hacklaender, alto funcionário aposentado da Agência dos Correios e Telégrafo local, membro de tradicional família blumenauense.

**CIA. HEMMER INDÚSTRIA
E COMÉRCIO**

**Fábrica de Conservas,
Mostarda e Vinagre**

**FÁBRICAS EM BADENFURT
E PENHA**

COMÉRCIO POR GROSSO:

RUA SÃO PAULO, 2471 — FONE: 1385 — CAIXA POSTAL, 169

**BLUMENAU
SANTA CATARINA**

No Vale do Itajaí, ou em qualquer outra
região dos Estados de Santa Catarina e
Paraná, onde o senhor esteja, lembre-se:

MÓVEIS FOLLONI

DE

ALBERTO FOLLONI & CIA. LTDA.

PODERÃO FORNECER O QUE HÁ DE MAIS FINO
E ARTÍSTICO EM MÓVEIS DE TODOS OS ESTI-
LOS E PELOS MELHORES PREÇOS.

TAPETES — PASSADEIRAS — CONGOLEUNS — VELUDOS
GOBELINS — DAMASCOS

MATERIAL PARA ESTOFADORES

PUCHADORES PARA MÓVEIS

MATRIZ: Rua Barão do Rio Branco, 149

Fone: 4-1088

FILIAL: Rua São Francisco, 195

CURITIBA

—:—

PARANÁ

**Deposite, com Segurança
do Tesouro Nacional, na**

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

D E

SANTA CATARINA

Matriz : FLORIANÓPOLIS

Sub-agência : ESTREITO

AGÊNCIAS

em

**BLUMENAU, BRUSQUE, CANOINHAS, CRISCIUMA,
ITAJAÍ, JARAGUÁ DO SUL, JOAÇABA, JOINVILE,
LAGUNA, LAJES, PORTO UNIÃO, RIO DO SUL,
SÃO FRANCISCO DO SUL E TUBARÃO.**

